

## Ground | fazer da matéria mente

A seleção de trabalhos que Túlio Pinto apresenta em *Ground* reúne algumas ideias caras ao artista desenvolvidas em suas propostas ao longo dos últimos anos. Essas ideias são expressas pelas relações de contato e proximidade de diferentes materiais e princípios; diferenças que quando contrapostas reforçam suas qualidades mais fundamentais, expressas no modo como essas remetem ao corpo e suas limitações: flexibilidade, queda, tensão, rigidez e equilíbrio.

Túlio afirma que sua atenção está voltada para o solo, para o impacto sólido de sua presença, como uma força capaz de redefinir as ações nos trabalhos. Mas percebemos isso de modo indireto, mediado por estratégias contrapostas e materiais que se distendem e se retesam.

Assim, os trabalhos são concebidos como sistemas – conexão de um conjunto de fenômenos cuja escala e intensidade nos atrai e nos põe em alerta como uma presença. Esses fenômenos são próprios do mundo físico, da força bruta que atua continuamente e sem razão: uma linha estirada liga um peso a um plano de vidro, produz um equilíbrio improvável entre solidez e transparência; o ferro nos mostra o fundamento do que é feito o vidro que lhe intercepta, sua fragilidade. A aproximação dessas diferenças se transforma em oportunidade de tomarmos distância, de percebermos como a ação constante de uma força testa nossa compreensão do mundo.

A gravidade atrai todos os corpos para o centro da terra. Podemos apenas imaginar esse ponto onde se concentraria toda a tensão, o peso movente de nosso corpo e o desejo que experimentamos – tão inacessível quanto o Outro. Todas as nossas ações convergiriam para esse zero infinito, não fosse o esforço de projeção, extensão e vôo; que fazem da mente algo diferente da matéria.

Portanto, nós conhecemos bem as forças postas em jogo em *Ground*, mas as conhecemos dentro de um outro contexto. Os sistemas propostos por Túlio nascem dos mesmos conflitos de forças no qual estamos cercados. Eles fazem referência a essas forças que, ao mesmo tempo em que nos confinam no espaço absoluto de um ponto, geram a possibilidade poética de evasão e criação.

Vivemos empuxos, compressões, quebras e vertigens numa velocidade que nos impele a consentir sem refletir. Benjamin já nos falava a quase um século: a interrupção e o choque são assimilados pela necessidade de seguirmos adiante e o que nos resta são fantasmagorias.

Quando nos aproximamos dos trabalhos em *Ground* somos atraídos a decifrar a lei que organiza cada conjunto; reconstruir a continuidade que permite aos materiais desafiar seu destino. Na oscilação entre proximidade e fuga a arte nos interroga, nos propõe uma pergunta cuja resposta equivale em nossa mente a abertura sensorial e conceitual de um impasse. Mas o tempo da interrogação é o da espera, da tensão estacionária que torna o familiar estranho, por isso a expectativa de um desfecho, como o desarme de uma armadilha.

A experiência da arte se dá nesse intervalo, quando emergimos da experiência sensorial buscando um sentido perdido. O contrário é simples aceitação.

Flávio Gonçalves, abril de 2013.